

ASPECTOS IDENTITÁRIOS DAS PRIMEIRAS TURMAS DE ALUNOS DO CAMPUS DA UECE DE TAUÁ

João Alcimo Viana Lima¹

RESUMO

O Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC), integrante da Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi fundado em 1995 no âmbito da política de expansão da interiorização universitária. Esta pesquisa teve como objetivo central a análise da constituição e do perfil das primeiras turmas de estudantes do referido *Campus*. Metodologicamente, recorreu-se a uma abordagem qualitativa, por meio da associação entre três tipos de pesquisa: bibliográfica, documental e de campo (levantamento). Em torno deste, optou-se, preferencialmente, à entrevista como técnica de interrogação, tendo como sujeitos os discentes que compuseram as turmas inaugurais dos primeiros cursos implantados: Ciências e Pedagogia. Quanto ao referencial teórico, a pesquisa recorreu a diversos autores, como: Petrola (1993a; 1993b), Cartibani (2003), Lima (2003); Zabalza (2004), Silva (2011), Charle e Verger (1996) e Araújo e Lima (2005). Em termos de resultados, verificou-se que os primeiros alunos do *Campus* da UECE de Tauá, em face da demanda reprimida na microrregião por cursos universitários, eram detentores de uma média de idade (26,4 anos), bastante superior às turmas das gerações futuras que ingressaram nesta IES (18,8 em 2019). Além disso, outros aspectos compuseram o seu perfil, como as questões de gênero na definição da escolha dos cursos (predominância de 100% de matrícula feminina em Pedagogia e presença majoritariamente masculina em Ciências), a taxa de aprovação nas disciplinas (57,7% dos que ingressaram em 1995.1 concluíram seus cursos em quatro anos) e o fato de que mais de um terço dos discentes já atuavam à época no magistério.

Palavras-chave: UECE; CECITEC; perfil universitário; primeiros alunos; interiorização universitária.

INTRODUÇÃO

O Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC), integrante da Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi fundado em 1995 durante a gestão do reitor Paulo de Melo Jorge Filho (Paulo Petrola), no âmbito da política de expansão da interiorização universitária.

A Resolução nº 743/94, deliberada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) (UECE, 3 mai. 1994), autorizou a Universidade a implantar os cursos de Ciências e Pedagogia, ambos de Licenciatura Plena. Entretanto, para viabilizar o início do funcionamento do CECITEC, que se concretizou em 19 de junho de 1995, a administração superior da UECE empreendeu uma série de outras ações, dentre as quais podem ser

¹ Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), joao.alcimo@uece.br.

destacadas: a realização do seminário “Os Inhamuns no desenvolvimento do Ceará”, em novembro de 1993; a obtenção de sede própria, em Tauá, em abril de 1994; o lançamento oficial do Centro, em setembro de 1994; a realização de curso pré-vestibular, de outubro a dezembro de 1994; a realização de concurso vestibular, em janeiro de 1995; a realização de concurso de provas e títulos para professores, em março de 1995; a nomeação do professor João Alcimo Viana Lima (aprovado em 1º lugar no citado concurso para a área de História da Educação) para diretor do Centro, em maio de 1995 (LIMA, 1999).

No decorrer de sua história, o CECITEC tem suscitado debates sobre o seu papel, como instituição universitária, no contexto do desenvolvimento microrregional e, em especial, nos processos educacionais. Destarte, faz-se necessário que se preserve a memória referente às manifestações explícitas e discretas, aos embates políticos e procedimentos administrativos, ao sentimento coletivo e à participação dos múltiplos agentes históricos, que resultaram na conquista dessa obra educacional.

Esta pesquisa teve como objetivo central a análise da constituição e do perfil das primeiras turmas de estudantes do Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns (CECITEC), tendo os seguintes desdobramentos de investigação: levantamento da dimensão socioeconômica dos alunos, incluindo sua inserção ou não no mundo do trabalho na época de seus ingressos na IES; identificação de traços característicos da turma, como a média de idade, índices de evasão e nível de participação nas atividades do Centro, estabelecendo parâmetros comparativos com outras gerações de alunos; análise das razões da opção pelos cursos de graduação disponibilizados, com ênfase para as questões de gênero; estudo do processo de interiorização universitária liderado pela UECE.

Para a fundamentação teórica das questões relacionadas ao objeto de estudo e análise dos fenômenos a ele subjacentes, recorreu-se a um conjunto de autores, tais como: Petrola (1993a; 1993b), Cartibani (2003), Lima (2003), Martins Filho (1996), Charle e Verger (1996), Chauí (set. 1993) e Almeida (1980), no estudo sobre a dimensão histórica e o papel das universidades e acerca da interiorização universitária; Zabalza (2004), Silva (2011) e Ristoff (jul./dez. 2013) na análise dos perfis dos estudantes universitários; Petrola (1993a; 1993b), Lima (1999), Alves (1994) e Araújo e Lima (2005), no aprofundamento da política de interiorização da UECE e do processo de fundação da referida Unidade Acadêmica; Mesquita (out. 2003), na compreensão dos movimentos protagonizados e/ou apoiados por estudantes universitários.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, recorreu-se a uma associação entre três tipos de pesquisa: bibliográfica, documental e de campo (levantamento). Considerando a relevância e a necessidade de adentrarmos no território conceitual, metodológico e empírico do objeto de estudo, percebeu-se que a utilização de somente um dos tipos de pesquisa poderia provocar omissões de fatos importantes no processo que culminou com a fundação do CECITEC.

Destarte, utilizou-se como material para consulta, publicações periódicas, avulsas e diversas (fontes bibliográficas); documentos oficiais, publicações administrativas e registros iconográficos (fontes documentais). Além disso, foi realizado um levantamento de informações e opiniões, através da aplicação de entrevistas e questionários.

Enquanto as fontes bibliográficas permitiram um maior aprofundamento teórico referente às políticas de expansão universitária, por seu turno, as fontes documentais e os levantamentos serviram de suporte às fontes bibliográficas, a partir, por exemplo, da visão de sujeitos envolvidos na criação do CECITEC, de modo mais específico. Assim sendo, as fontes teóricas e empíricas se interrelacionaram no processo de análise, sob a concepção de que o sujeito da história interage com os fatos e com os dados. Corroborar-se, assim, a visão de que a história “se constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o presente e passado” (CARR, 1996, p. 65).

Além disso, foi realizado um levantamento de informações e opiniões, recorrendo-se, preferencialmente, à entrevista como técnica de interrogação. Todavia, em face de sua impossibilidade em alguns casos, fez-se o uso, também, de questionários com perguntas abertas. Adotou-se a forma parcialmente estruturada, que se guia “por pontos de interesse” que o pesquisador/entrevistador vai explorando no decorrer de seu uso (BARBOSA, 2001, p. 255).

Concebendo a relevância da utilização da fonte oral no percurso investigativo, para a escolha dos sujeitos foi considerado o segmento dos discentes que compuseram as turmas inaugurais dos primeiros cursos implantados: Ciências e Pedagogia.

Ressalte-se que a fonte oral, para além de propiciar informações, permite ao pesquisador “entrar no campo da história como um fiscal invisível ajudando a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita e revelar o ‘tecido muscular ressecado’ que, quase sempre, é tudo o que tem em mãos” (SAMUEL, set. 1989/fev. 1990, p. 237).

É importante enfatizar que a história local não se resume ao “lugar” que possui preponderância na produção de um determinado conhecimento histórico. Sem dúvidas, nessa

perspectiva historiográfica o “local” assume a posição de centralidade no processo investigativo. Contudo: “Não impede que esta mesma ‘História Local’ [...] seja também ela uma História Cultural, uma História Política ou uma História Econômica, ou inúmeras outras modalidades” (BARROS, 2013, p. 171). Alberti acrescenta:

Ora, podemos dizer que a postura envolvida com a história oral é genuinamente hermenêutica: o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência. Saber compreender significa realizar um verdadeiro trabalho de hermenêutica, de interpretação. No caso de textos antigos, esse trabalho requer um estudo histórico e gramatical prévio, que nos coloque na posição de um leitor da época. No caso de entrevistas de história oral, ele também requer uma preparação criteriosa, que nos transforme em interlocutores à altura de nossos entrevistados, capaz de entender suas expressões de vida e de acompanhar seus relatos (2004, p. 18-19).

Hall (jan./jun. 1993, *passim*) alerta, contudo, para os riscos que corremos no desenvolvimento da “pesquisa oral”, tais como: a traição da memória humana, a possibilidade do pesquisador se limitar às informações dos entrevistados e, por outro lado, de manipulá-los; além da falta de confiabilidade nos depoimentos e da restrição da visão histórica ao microespaço estudado.

Malgrado os riscos a ela subjacentes, a “pesquisa oral” pode proporcionar, através dos depoimentos pessoais – que perpassam as questões de interesse econômico, político e social – a desmistificação das contradições, melhorando o desempenho e a capacidade de interpretação do pesquisador.

Na dimensão temporal, a pesquisa fez um recorte do período que corresponde à gênese institucional da ideia à primeira fase das atividades do CECITEC, ou seja de 1993 a 1995. No entanto, a delimitação do tempo para efeito de definição das abordagens centrais não se estabeleceu como impeditiva para ultrapassagem dessa delimitação cronológica. Desse modo, conforme as demandas de contextualizações e de relações entre o tempo demarcado com períodos históricos anteriores e anos posteriores, a pesquisa e a produção textual ultrapassaram essa fronteira temporal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta de implantar uma unidade de ensino superior no Sertão dos Inhamuns surgiu no contexto da política de interiorização universitária da Universidade Estadual do

Ceará, que ganhou maior relevo no reitorado do professor Paulo de Melo Jorge Filho (Paulo Petrola), no período de 1992 a 1996.

Paulo Petrola, no âmbito do projeto “Nova UECE”, que foi por ele encaminhado ao Governador cearense, em maio de 1992, ainda na condição de reitorável, “traçou diretrizes para a transformação da UECE em uma “Universidade Tecnológica para o Nordeste Semiárido”, tendo como referência a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A proposta sinalizou para um transplante do modelo, atentando-se para “uma redução sociológica que respeite as peculiaridades, limitações e possibilidades da Região [Nordeste]”. (PETROLA, 1993a, p. 39-40).

Sob a óptica do aludido projeto, a efetivação da universidade necessária (tecnológica) para o semiárido deveria promover a integração das atividades universitárias com o setor produtivo, bem como a organização de uma *intelligentsia*, por meio da qualificação de seu quadro docente e da importação de professores doutores (PETROLA, 1993a, p. 36-39). Para o alcance do perfil almejado para a UECE, concomitante à dimensão do ensino, foram destacadas cinco áreas (Veterinária, Administração, Engenharia de Alimentos, Informática e Artes e Humanidades), cujos investimentos deveriam ser de grande impacto tecnológico e cultural (p. 43-45).

A interiorização universitária, embora possa ser concebida na subjacência do projeto “Nova UECE” e sob a óptica da totalidade institucional, não figura de forma explícita em suas diretrizes. No entanto, Paulo Petrola apresentou uma agenda que estabeleceu 1993 como “o ano do ensino”, elencando, entre outras ações, a “solução “dos problemas que afetam o desempenho e a qualidade das Faculdades do Interior, capacitando-as para o melhor cumprimento de seus objetivos pedagógicos em suas respectivas áreas de atuação” (PETROLA, 1993b, p. 30).

Na prática, na opinião de Francisco Artur Pinheiro Alves (1994, p. 30), a interiorização ganhou “novos rumos” e se estabeleceu como “uma das prioridades da administração”. Como exemplos, Alves cita que:

[...] A primeira medida tomada pela reitoria foi resolver o problema dos professores, liberando aqueles que eram vinculados aos departamentos da Capital e fazendo concurso para professores do quadro permanente das Faculdades. Outras medidas seguidas a essa foram: aumento do acervo bibliográfico, compra de equipamentos, implantação de núcleos de computação e abertura de novos cursos de graduação na FECLESC (curso de Letras e Ciências – Licenciatura Plena) e abertura de cursos de Especialização *Lato Sensu* na FAFIDAM, na FECLESC e na FACEDI, em diversas áreas do conhecimento (1994, p. 30).

Com a realização do seminário “Os Inhamuns no desenvolvimento do Ceará”, em 26 de novembro de 1993, a UECE deu início ao processo da discussão para a implantação de um campus com sede em Tauá. Referido seminário teve o seguinte objetivo central: “identificar a vocação e as potencialidades da Região, com vistas à definição de linhas básicas de atuação da UECE na respectiva região e no desenvolvimento do Ceará” (UECE, 26 nov. 1993).

Observa-se que a “descentralização dos serviços” e a “centralização do controle”, propostas nas diretrizes da gestão (PETROLA, 1993a, p. 47) evoluíram para a dimensão exógena, na medida em que a sociedade civil se envolveu nas articulações do processo, resguardando-se à UECE os mecanismos de controle.

Ancorado no prisma de que uma universidade deve assumir um papel de vanguarda no sentido de se confrontar com os atrasos regionais em suas variadas dimensões, Paulo Petrola asseverou que:

Se não temos, na região, um Curso Superior, toda a juventude, a mais inteligente, a mais brilhante, é coagida, é obrigada, é forçada a emigrar. Vão fazer os cursos noutros locais e não voltam! Com ela vão as riquezas para outras regiões, as quais poderiam ser produzidas equitativamente. Permanecerão os que não têm as mesmas condições físicas, o mesmo ímpeto de vontade, de liderança (Apud UECE, 1995, p. 48-49).

Contribuindo com o debate, Moema Cartibani compreende que: “Quando instalada em determinada região, a instituição universitária ganha contornos socioespaciais pela incorporação do contexto local (econômico, político, cultural e histórico) nas funções que exerce” (2003, p. 3-4). Os “contornos socioespaciais” estão relacionados com o princípio da “liderança”, presente desde a gênese da universidade, denotando, com efeito, “a função estratégica concebida para si nos diferentes períodos e em distintas sociedades e culturas” (LIMA, 2003, p. 70).

A liderança citada tem relação direta com o papel de uma universidade estadual ou com um *campus* universitário interiorano quanto à sua contribuição para a redução das “desigualdades inter e intra-regionais” (DRUMOND, 16 nov. 2001); assim como, encontra ressonância nos argumentos de Paulo de Melo Jorge Filho (Apud UECE, 1995a, p. 48-49) que vê nos cursos superiores nas diferentes circunscções geopolíticas a promoção da equidade regional, a redução do êxodo da juventude e seu conseqüente protagonismo na produção de “riquezas” em seus locais de origem.

Ressalte-se que ao tangenciar sua missão para contornos geográficos específicos, a IES deve estar atenta para a relação entre sua natureza “universal” e seu compromisso “regional”, defendida sob a lógica da indissociabilidade por Antônio Martins Filho (1966).

Essa convergência encontra esteio nos termos “fixos” (base técnica) e “fluxos” (dinâmicas próprias), concebidos e trabalhados por Milton Santos (1999) como “interdependentes”. Nesse sentido, uma rede instituída “tanto inclui dinâmicas próximas locais, quanto dinâmicas distantes, universais, movidas pelas grandes organizações” (SANTOS, 1999, p. 188).

No cerne do atendimento dos fluxos regionais, Romanelli (1998, p. 69) compreende que “a educação é tida aqui como um dos fatores do desenvolvimento, e como tal, não só corresponde às necessidades quantitativas da demanda, como, e principalmente, cria e orienta essa demanda”. Almeida (1980) concebe o “desenvolvimento” como “criação, produção de novas formas, de novas relações de produção”. Além de sua função criadora, Almeida atribui à instituição universitária a função de reproduzir e, com efeito, “de ser a memória, a depositária do conhecimento humano e [...] uma comunicadora no tempo e no espaço” (p. 32).

Em sua dimensão reprodutiva, a preservação e a valorização da cultura regional e a promoção social por meio das oportunidades geradas e da revelação da intelectualidade, têm o potencial de impactarem no desenvolvimento, convergindo, assim, com a função básica de criar, subjacente à natureza da universidade (ALMEIDA, 1980, p. 35).

Considerando o contexto local e sua liderança institucional, na fase que antecedeu o início de funcionamento do *Campus* de Tauá, a UECE, numa interface entre ensino e extensão, realizou o curso pré-vestibular, de outubro a dezembro de 1994. Este foi enaltecido por sua qualidade pelos primeiros alunos do CECITEC. Nesse sentido, José Wilton Gonçalves Martins (ex-aluno e primeiro presidente do centro acadêmico de Ciências) enfatiza que:

Foi o melhor cursinho que já foi ofertado para a Região dos Inhamuns. [...] Eu lembro que tinha feito um cursinho em Fortaleza, aproximadamente dois anos antes de acontecer o daqui [...]. Você sabe que esses professores de nome lá em Fortaleza, eram os professores que participavam do cursinho aqui. Nós podemos citar a Vera Lúcia Midéa, que era professora de Redação, o Hipólito [*Peixoto*], de Matemática, o Jadir [*Jucá*], da Química. Assim qualquer um dos nossos colegas quando conversávamos sobre esse cursinho sempre comentávamos a importância que ele teve (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005, p. 55).

Ainda sobre o curso pré-vestibular, Luisa Xavier de Oliveira revela que:

Esse a gente pode afirmar que foi de excelente qualidade. Foi aos finais de semana, os professores eram todos de Fortaleza – eram fretados ônibus para esses professores pela UECE. [...] A gente viu a garra dos professores, a vontade deles de virem e fazerem valer seu papel aqui dentro de Tauá. A gente viu também uma assiduidade dos alunos. Eu lembro que no Dondon Feitosa [*escola na qual funcionou o referido curso pré-vestibular*], quase todas as salas eram preenchidas. Era uma variedade de professores, desde a Língua Portuguesa até na parte da Gramática, de Literatura, de Redação, de Física, de Química, de Biologia; era uma coisa assim espetacular. O pré-vestibular, eu colocó como sendo um dos alicerces básicos para o sucesso do CECITEC. [...] Era o mais espetacular, você ver todo mundo ali no dia de sábado,

dias de domingo de manhã, às vezes cansados, outros de ressaca [...], mas estava todo mundo lá; era tomando caldo, era uma coisa espetacular. E outra coisa interessante junto ao pré-vestibular, lá a gente era dividido de acordo com as letras alfabéticas; tinham as salas só das Marias, existia as salas só dos Antonios, das Anas, era gratificante, pessoas de várias idades, eram jovens, adolescentes, eram pessoas já maduras. Eu coloco o cursinho pré-vestibular ofertado pela UECE como um dos grandes ‘pontapés’ para o sucesso do CECITEC (Apud ARAÚJO: LIMA, 2015, p. 52)

Referido “cursinho” atendeu a um público de 505 alunos, assim distribuídos de acordo com os municípios em que residiam: Tauá (346), Aiuaba (27), Arneiroz (2), Catarina (45), Parambu (63) e Quiterianópolis (22). Cabe enfatizar que para os estudantes provenientes dos municípios fora da sede do CECITEC, as prefeituras contribuíram com o apoio do transporte para seus deslocamentos.

Pode-se inferir que o curso pré-vestibular conseguiu catalisar três fatores que se revelaram necessários para o êxito do projeto: a mobilização, a motivação e a preparação do público alvo (possíveis candidatos a ingressarem nos cursos de graduação). As falas de José Wilton Gonçalves Martins e Luisa Xavier de Oliveira acerca da qualidade das aulas preparatórias para o vestibular ratifica a versão de publicações jornalísticas (UECE, out. 1994; FOLHA DOS INHAMUNS, nov. 1994) e de documentos da própria Universidade (UECE, 1995; UECE, 14 ago. 1995).

Para se ter uma melhor dimensão de seu impacto, dos 89 vestibulandos aprovados para a formação das primeiras turmas de universitários, 69 (ou seja, 77,53%) fizeram o aludido curso preparatório. Em se tratando de um vestibular eliminatório, cuja aprovação exigia pelo menos 30% de acertos em cada prova, essa etapa preparatória caracterizou-se como estratégica, principalmente, considerando que em face da existência de uma “demanda reprimida”, muitos dos possíveis vestibulandos tinham concluído o ensino médio há vários anos.

A demanda reprimida está refletida na média de idade dos primeiros alunos do CECITEC. De acordo com o levantamento realizado por seu controle acadêmico, a idade média dos 87 alunos matriculados, em janeiro de 1995, era de 26,4 anos. Essa realidade foi bastante alterada 24 anos depois, haja vista que em janeiro de 2019, os 77 calouros tinham em média 18,8 anos.

A criação de uma unidade acadêmica na microrregião dos Inhamuns (no sudoeste cearense) processou-se, com efeito, sob a óptica da importância da descentralização da Universidade, com impactos na ampliação das oportunidades e na formação em nível superior daqueles que não têm condições financeiras de se deslocarem para outros centros urbanos. O

CECITEC constituiu-se, portanto, como a primeira instituição de ensino superior implantada na aludida circunscrição.

Antecedendo à definição dos cursos (Pedagogia e Ciências, este com duas habilitações: Matemática e Física; Química e Biologia) a serem implantados, a pró-reitoria de Graduação articulou a elaboração de um diagnóstico junto ao setor educacional dos Inhamuns e buscou sintonizar-se com as principais carências em termos de qualificação para a educação básica.

A respeito do citado documento, Maria Ivanete de Sousa comenta que:

[...] Outra ação importantíssima foi o diagnóstico realizado para se ter uma ideia realmente, para confirmar. Porque empiricamente já dava para constatar que o analfabetismo, que a demanda na educação é muito grande, mas isso foi constatado no diagnóstico. O seminário de criação que foi realizado no BNB Clube [em 26 de novembro de 1993], um seminário em que estiveram presentes autoridades da UECE, governamentais e comunidade. Começou mesmo a se criar já esse clima de criação do CECITEC, e daí por diante o trabalho de criação (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005, p. 52).

À época, os municípios do raio de abrangência do CECITEC possuíam um total de 2.783 docentes em exercício, “sendo: 1.026 no Pré-escolar; 1.637 no 1º Grau [*hoje, ensino fundamental*] e 75 no 2º Grau [*hoje, ensino médio*]” (UECE, 1995, p, 15). O mencionado diagnóstico detalhou um cenário bastante desolador:

A docência das séries iniciais da rede municipal da Região é composta de leigos que não concluíram nem mesmo o 1º grau menor.

A nível regional temos o 2º grau ensejando as seguintes habilitações profissionais: Magistério do 1º grau (de 1ª a 4ª série e Estudos Adicionais 5ª e 6ª série), Assistente de Administração, Contabilidade como também o 2º grau sem habilitação. (EQUIPE DE COORDENAÇÃO, 1993, p. 6).

Maria Lúcia Oliveira Chaves e Maria da Penha Oliveira Chaves (ex-alunas do CECITEC), ratificam que “antes da criação do Cecitec, um curso universitário era privilégio de pessoas com renda elevada que podiam colocar seus filhos nos grandes centros” (1 jun. 1997, p. 4). Em que pese ao fato de, nas últimas duas décadas e, principalmente, a partir de meados da primeira década do século XXI, ter havido uma significativa ampliação de cursos superiores públicos e privados no País, Ristoff constata que: “[...] persiste uma expressiva distorção de natureza socioeconômica no campus brasileiro, pois há nele 18% a menos de pessoas da faixa de renda mais baixa do que na sociedade” (jul./dez. 2013, p. 12).

Um conjunto de fatos, como a obtenção da sede própria, a solenidade oficial de implantação, a realização do curso pré-vestibular e o lançamento do edital para o vestibular,

foi determinante para a credibilidade do projeto de implantação do CECITEC, na ambiência interna e externa. Tratavam-se de sinalizações concretas de que o *Campus* de Tauá passaria da idealização para o estágio da concretude.

O vestibular 1995.1, em Tauá, registrou um número de 277 inscritos para as 160 vagas ofertadas, ficando a concorrência em 1,73 candidatos por vaga. As vagas foram assim distribuídas: 40 para Pedagogia (manhã), 40 para Ciências (manhã), 40 para Pedagogia (noite) e 40 para Ciências (noite) (UECE, 14 ago. 1995).

Em seguida, foram aprovados 89 vestibulandos, sendo 13 para Pedagogia (manhã), 16 para Ciências (manhã), 25 para Pedagogia (noite) e 35 para Ciências (noite). Embora o índice de aprovação na proporção dos inscritos tenha ficado em 32,13%, o jornalista Rubens Frota, à época, fez o seguinte comentário: “Uma tristeza o resultado do vestibular realizado em janeiro último [...] no campus avançado dos Inhamuns. O nível dos candidatos e o número de inscritos foi tão pequeno que não preencheram as vagas [...]” (8 fev. 1995, p. 11/A). Por outro lado, a UECE (1995, p.17) justificou que esse número de inscritos não foi maior “por incapacidade das escolas de 2º grau de fornecerem, em tempo, os documentos exigidos”.

Vejamos nos quadros a seguir a síntese do resultado do aludido vestibular:

QUADRO I
RELAÇÃO ENTRE Nº VAGAS, Nº DE INSCRITOS E Nº DE APROVADOS NO
PRIMEIRO VESTIBULAR DO CECITEC.

Nº de vagas no geral	Nº de inscritos	Proporção entre nº de inscritos e nº de vagas
160	277	1,73
Nº de vagas para Ciências	Nº de inscritos	Proporção entre nº de inscritos e nº de vagas
80	129	1,61
Nº de vagas para Pedagogia	Nº de inscritos	Proporção entre nº de inscritos e nº de vagas
80	148	1,85

FONTE: UECE/CECITEC (14 ago. 1995).

QUADRO II
QUANTIDADE DE VAGAS, Nº DE APROVADOS E VAGAS NÃO PREENCHIDAS,
POR CURSO E TURNO, NO PRIMEIRO VESTIBULAR DO CECITEC.

Curso Ciências – Manhã		
Nº de vagas	Nº de aprovados	Nº de vagas não preenchidas
40	16	24
Curso Pedagogia – Manhã		
Nº de vagas	Nº de aprovados	Nº de vagas não preenchidas
40	13	27
Curso Ciências – Noite		
Nº de vagas	Nº de aprovados	Nº de vagas não preenchidas
40	35	5
Curso Pedagogia – Noite		
Nº de vagas	Nº de aprovados	Nº de vagas não preenchidas
40	25	15

FONTE: UECE/CECITEC (14 ago. 1995).

Cabe frisar que, para além de Tauá, o não preenchimento da totalidade das vagas ofertadas por vários cursos nos vestibulares na década de 1990 ou, mais ainda, a grande quantidade de vagas que ficavam ociosas, tratava-se de uma questão sintomática decorrente de vários fatores, incluindo a questionável qualidade do ensino na educação básica.

Outro aspecto que requer atenção é o fato de ter havido uma maior concentração de inscritos e aprovados nas vagas ofertadas para o turno noturno. Ao todo, foram inscritos 101 (36,46% do total) candidatos para os cursos no horário matutino, enquanto 176 (63,54% do total) concorreram para os cursos noturnos. Entre os aprovados, 29 (32,58% do total) foram das turmas matutinas e 60 (67,42%) das turmas cujo funcionamento foi ofertado à noite. Ou seja, cerca de dois terços dos inscritos e aprovados optaram pelo horário noturno. Trata-se de um sintoma histórico da educação superior brasileira, que representa a realidade de muitos universitários que já iniciaram sua vida laboral ou estão em busca de um ofício.

Em torno da “utilidade social” presente nas instituições universitárias (Charle e Verger (1996, p. 29) requer atenção o artigo jornalístico publicado por Lusía Rodrigues Lima e outras três alunas, em seu primeiro ano de atividades (1995): “Um dado importante é que [cerca de] 40% do corpo discente matriculados no Cecitec são professores de 1º e 2º graus” (LIMA, L. R. et al, 13 set. 1995). Em levantamento feito em 1995 pela direção do CECITEC, ao todo, 33 alunos de Ciências e Pedagogia já atuavam no magistério público ou privado da educação básica, conforme a seguinte distribuição:

QUADRO III
QUANTIDADE DE ALUNOS DO CECITEC QUE TRABALHAVAM NO
MAGISTÉRIO PÚBLICO DA EDUCAÇÃO BÁSICA - 1995

NATUREZA DA REDE DE ENSINO	TOTAL DE ALUNOS
Rede Pública Municipal	11
Rede Pública Estadual	11
Rede Privada	09
Escola Comunitária	02
TOTAL	33

FONTE: UECE/CECITEC (14 ago. 1995).

Ou seja, mais de um terço dos primeiros alunos do Centro já trabalhava no magistério, com seus expedientes sendo cumpridos, para a grande maioria, no período diurno. Referido dado ratifica a necessidade concreta dos cursos que foram implantados. Esse percentual foi elevado para mais de 80% entre os que se graduaram em fevereiro de 1999 (LIMA, 1999, p. 58). Vejamos o que segue:

[...] Antes mesmo da formação das primeiras turmas, para lecionar nas áreas de Biologia, Física, Matemática e Química, o XV Centro Regional de Desenvolvimento da Educação / XV CREDE concedeu 'licença precária' para os alunos do curso de Ciências com mais de 50% da grade curricular cumprida, levando em consideração as exigências do Conselho de Educação do Ceará (LIMA, 1999, p. 58-59).

Mais de dez anos após a criação do Centro em tela, Ristoff destaca que de acordo com os dados do Questionário Socioeconômico (QSE) do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), do ciclo 2007, 2008 e 2009, "56% dos estudantes brasileiros trabalham e estudam" (jul./dez. 2003, p. 17).

Sobre a opção por um dos cursos, Maria Lourdes Nonato dos Santos (ex-aluna) justifica que preferiu o curso de Pedagogia, porque "já tinha experiência no magistério e queria se aprimorar tanto no sentido profissional como pessoal" (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005, p. 57). Muito embora, haja casos em que a opção por Pedagogia tenha se realizado por falta de outras ofertas, há depoimentos de alunos de que na medida em que cursaram as primeiras unidades curriculares foram gradativamente se identificando com o curso. Assim relata Amélia Lira de Farias (ex-aluna):

Eu concorri para o curso de Pedagogia. Inicialmente eu participei desse curso porque Ciências não tinha nada a ver comigo e, Pedagogia, também assim no começo, foi falta de opção, mas com o desenrolar do processo, com a continuação dos estudos eu

vi que só tinha a ver, que eu tinha escolhido um curso muito bom e por sinal eu me sinto muito gratificada por ter feito essa escolha (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005, p. 56).

Em torno dos vestibulandos que optaram pelo curso de Ciências, segundo os depoimentos, predominou, também, a existência de uma maior identificação por parte deles com as áreas de Matemática, Física, Química e Biologia, quando postas em comparação com a licenciatura de Pedagogia. Seguindo essa linha de raciocínio, observemos o depoimento de José Wilton Gonçalves Martins:

Concorri para o curso de Ciências tendo em vista a questão de ser uma área mais ligada à parte exata, à Matemática, à Física, à Química e, principalmente, à Biologia, que era a minha atração maior. [...] Então eu nem tive dúvida quando foi para fazer a escolha. Claro tenho admiração, vejo a importância do curso de Pedagogia; no entanto, não tive nenhuma dúvida em fazer a minha escolha por Ciências. Porque assim eu acho que é muito de cada pessoa, eu me identifico bem mais com a área de Ciências (Apud ARAÚJO; LIMA, 2005, p. 57).

Recorrendo a Zabalza (2004), a “adulterez” como traço peculiar dos estudantes universitários, não obstante as limitações impostas pelas estruturas disponibilizadas e pelas condições socioeconômicas, favorece esse processo de escolha e as decisões tomadas no percurso de sua formação acadêmica.

Convergindo com a dissertação de mestrado de Kelly da Silva (2011), na qual ela investiga as relações de gênero no âmbito do curso de Pedagogia, este, em Tauá, registrou, em seu primeiro vestibular, 100% entre os aprovados e 95,27% entre os inscritos de predominância feminina. Suscitando a questão:

[...] sabemos que, historicamente, as mulheres são maioria no curso de Pedagogia e, por isso, a trajetória de construção social do magistério enquanto profissão pensada para mulheres necessita ser questionada. Em minha turma de Pedagogia na Universidade Federal de Viçosa (2003), por exemplo, composta por 60 estudantes, 57 eram mulheres; com isso este questionamento tem um porquê (SILVA, 2011, p. 29).

.....
A profissão docente permitiu às mulheres o acesso a um dos espaços públicos anteriormente frequentado pelos homens. No entanto, essa profissão vai ser representada como similar ao trabalho no lar: o cuidar das crianças. Essa concepção é utilizada para naturalizar/reforçar o magistério, especialmente das séries iniciais, como uma profissão feminina (SILVA, 2011, p. 34).

Nos depoimentos das ex-alunas, foi destacada a convivência respeitosa e colaborativa entre os dois cursos, mas que o universo exclusivamente feminino da primeira turma de Pedagogia suscitou-lhes brincadeiras com a rotulação de “florzinhas”, consideradas amigáveis

por parte das entrevistadas. No âmago desse rótulo está também a compreensão, naturalizada no percurso histórico, de que o referido curso tem um perfil eminentemente feminino. Por outro lado, verificou-se na primeira turma de Ciências, que de seus 51 alunos aprovados no vestibular, a maioria era do sexo masculino (56,86%).

Outro traço de identificação da turma pioneira em pauta foi o nível de participação da maioria dos alunos com as ações do Centro recém-implantado. Ao ser concebido como um segmento estratégico, diretamente interessado e como força endógena para se associar em diversas ações na fase de instalação e etapas posteriores do CECITEC, o corpo discente foi receptivo ao chamamento da direção e teve participação destacada e colaborativa. A propósito, em 1995 foram realizadas várias reuniões entre o titular do *Campus* e os representantes do incipiente movimento estudantil universitário (UECE, dez. 1995).

Vê-se, portanto, a face do movimento estudantil (M.E.), que, sem perder a visão do contexto sociopolítico, se envolve diretamente em pautas locais relacionadas a interesses educacionais. A deflagração de lutas em microespaços não imprime ao M.E. um perfil de reducionismo, mas caracteriza sua natureza pluralista subjacente à sua história. Nesse sentido, Mesquita comenta que:

Analisar o movimento estudantil é antes de tudo, analisar um movimento plural, capaz de se expressar através de vários grupos que se potencializam no cotidiano da condição estudantil. Poderíamos afirmar que este não se limita a suas organizações estudantis e formais, mas se manifesta na própria dinâmica de criação de interesses e pautas que – transformadas diariamente pela realidade estudantil, pelas relações universitárias e pela sociedade civil – pode ser capaz de mobilizar os estudantes. Assim, acreditamos que não exista um movimento estudantil unitário, mas movimentos estudantis que se inter-relacionam e se inter cruzam (out. 2003, p. 120).

Ao se integrar numa correlação de forças em defesa de uma causa ou projeto, o M.E., na visão de Cândido B. C. Neto, deve ser levado em conta com o seu “potencial orgânico” e reconhecido “como um dos segmentos organizados da sociedade com a capacidade necessária para alavancar esse processo [*de desenvolvimento*]” (11 ago. 1995, p. 6/A).

Outra questão que merece consideração foi abordada por Fonteles: “Os problemas relacionados à repetência e à evasão escolar vêm declinando, sobretudo nas licenciaturas [...] Conseqüentemente, a redução desses índices vem garantindo um aumento de 20% do total de graduados pela UECE a cada semestre” (fev. 1999, p. 3). No caso específico do CECITEC, dos 87 alunos matriculados em 1995.1, não houve evasão durante o primeiro semestre, enquanto no quarto período o índice ficou abaixo de 10% (TRIBUNA DO CEARÁ, 19 jun. 1997).

O índice de permanência dos alunos, somado à reduzida taxa de reprovação, repercutiram diretamente na primeira solenidade de colação de grau do Centro, realizada em 26 de fevereiro de 1999, que registrou a quantidade de 50 concludentes, o que representa 57,47% dos que haviam se matriculado quatro anos atrás (O KINAMUIU, fev. 1999).

Na análise dos aspectos identitários dos primeiros alunos do CECITEC e o contexto sociopolítico da década de 1990, é necessário ressaltar que suas formações em cursos superiores se inserem na complexidade e na dinâmica que permeiam as instituições universitárias e seus serviços. A esse respeito, vejamos o posicionamento da professora Geandra Cláudia Silva Santos:

[...] eu entendo que a participação do CECITEC ela ultrapassa até o nível educacional – o trabalho com a educação, com a formação de profissionais da educação. O CECITEC tem um espectro de ação e de penetração na sociedade de uma natureza, eu acho, que total na vida, no fazer, no pensar do homem e da mulher da região dos Inhamuns. Então o CECITEC, ele tem oportunizado, vamos dizer assim, espaços para trabalho, para o mercado de trabalho, para profissionais qualificados e bem qualificados, mas ele também tem principalmente influenciado em políticas, em decisões, em organizações, em tomada de posições. Tem influenciado principalmente na consciência das pessoas. Claro, é um processo, não é um dado, não é um produto, é um processo que precisa, vamos dizer assim, ser aprimorado, ser até mais agressivo, ser repensado constantemente, mas eu acho que o CECITEC tem feito a diferença na cabeça, nas ações e na vida da Região dos Inhamuns (Apud. ARAÚJO; LIMA, 2005, p. 76).

Corroborando essa assertiva, há um conjunto de ações inter-relacionadas do CECITEC que têm provocado repercussões objetivas e subjetivas na esfera do desenvolvimento microrregional, em diversas dimensões. Sua penetração social é marcada por um processo dialético, que pode apresentar avanços e retrocessos em seu percurso histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se na pesquisa que os primeiros alunos do Campus da UECE de Tauá, em face da demanda reprimida na microrregião por cursos universitários, eram detentores de uma média de idade superior às turmas das gerações futuras que ingressaram nesta IES. Além desse aspecto, outros traços identitários, como as questões de gênero na definição da escolha dos cursos, a elevada taxa de aprovação nas disciplinas e o fato de parte significativa dos discentes já atuarem à época no magistério, compuseram o seu perfil.

O CECITEC, a partir de sua turma pioneira, consolidou sua atuação na formação de professores, com oferta continuada e com repercussão constatada nas redes de ensino de sua

área de abrangência (o Sertão dos Inhamuns). No entanto, há outras inserções e contribuições do CECITEC, que se coadunam com os valores históricos/universais e a missão regional da Universidade, por meio de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, no campo administrativo e na colaboração técnica exercida em suas parcerias com outras instituições públicas e órgãos não governamentais.

Denota-se, com efeito, que o legado do Centro de Educação, Ciências e Tecnologia da Região dos Inhamuns, evidenciado a partir de suas primeiras turmas de alunos, tem relação conceitual e/ou empírica com questões e valores inerentes às universidades, tais como: o princípio da liderança (LIMA, 2003); o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, assegurado no artigo 207 da Constituição Federal (BRASIL, 1988); a relação entre a dimensão “universal” e a “regional” (MARTINS FILHO, 1966); a relação entre as terminologias “fixos” e “fluxos” (SANTOS, 1999); o espírito de inquérito (CHARLE; VERGER, 1996); o espírito plural (CHAUÍ, 2 sem. 1993); a utilidade social (MONROE, 1988); e as funções de criar e reproduzir (ALMEIDA, 1980).

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 196p.
- ALMEIDA, R. O papel das universidades no desenvolvimento regional. In: ANDRADE, A. C. et al. **A universidade e o desenvolvimento regional**. Fortaleza: UFC, 1980. p. 31-45.
- ALVES, F. A. P. **A interiorização da Universidade Estadual do Ceará: estudo de caso da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC**. 1994, 76f. Monografia (Especialização em Administração Universitária) – OUI/CRUB, Maceió, 1994.
- ARAÚJO, A. A.; LIMA, J. Á. V. **O processo de criação do CECITEC no âmbito da política de interiorização da Universidade Estadual do Ceará**. Tauá, CE, 2005. 96. (Relatório de projeto de pesquisa).
- BARBOSA, A. P. L. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2001. 462p.
- BARROS, J. D. **A expansão da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 238p.
- B. C. NETO, C. O M.E. **O Povo**, Fortaleza, 11 ago. 1995. Caderno A, Opinião, p.7.
- BRASIL. Assembleia Nacional Constituinte. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 5 out. 1988.
- CARR, E. H. **Que é história?** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 189p.
- CARTIBANI, M. **Universidade e Região**: O papel das universidades estaduais da Bahia. In: XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. São Luís: UFMA, 2003. p. 3-4.
- CHARLE, C; VERGER, J. **História das Universidades**. Tradução: Élcio Fernandes, São Paulo: UNESP, 1996. 131p.
- CHAUÍ, M. Vocação política e vocação científica da universidade. **Educação Brasileira** – Revista do CRUB, Brasília, v. 15, n. 31, p. 11-26, 2. sem. 1993.
- CHAVES, M. L. O.; CHAVES, M. P. O. Cecitec: um referencial nos Inhamuns. **O Povo**, Fortaleza, 1 jan. 1997. Jornal do Leitor, p. 4.

- DRUMOND, J. G. F. **O ensino superior e o desenvolvimento regional – II.** Belo Horizonte, 16 de nov. 2001. Disponível em: <<http://www.unimontes.br/auimont/ensino2.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2002.
- EQUIPE DE COORDENAÇÃO. **Diagnóstico da Região dos Inhamuns.** Tauá, 1993. 7p. (Texto digitado).
- FONTELES, M. C. A política de interiorização da UECE. **O Kinamuiú,** Tauá, CE, p. 3, fev. 1999.
- FOLHA DOS INHAMUNS. **Universidade chega aos Inhamuns.** Tauá, CE, nov. 1994, p. 1, 9.
- FROTA, R. Uma tristeza o resultado... **O Povo,** Fortaleza, 8 fev. 1995. Coluna O Povo nos Municípios, p. 11/A.
- HALL, M. M. História oral: Os riscos da inocência. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, p. 235-241, jan./jun. 1993.
- LIMA, J. Á. V. **Gestão acadêmica na UECE e interiorização:** a experiência do CECITEC. 1999, 102f. Monografia (Especialização em Gestão Escolar) – UECE, Tauá, CE, 1999.
- _____. **Gestão e autonomia universitária:** a experiência da UECE. Fortaleza: UECE, 2003. 216p.
- LIMA, L. R. et. al. Mais um campus da UECE. **Diário do Nordeste,** Fortaleza, 13 set. 1995. 1º Caderno, p. 2.
- MARTINS FILHO, A. **O Universal pelo Regional.** 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. 332p.
- MESQUITA, M. R. Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** n. 66, p. 117-149, out. 2003. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/sexce8>>. Acesso em: 13 fev. 2019.
- MONROE, P. **História da Educação.** Tradução: Idel Becker. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1988. 387p.
- _____. **CECITEC – Uma história de socialização do conhecimento nos Inhamuns.** Tauá, CE, p. 12, fev. 1999.
- PETROLA, P. Diretrizes para transformação da UECE numa Universidade Tecnológica. Fortaleza, 4 abr. 1992. In: _____ et al. **Universidade Tecnológica para Nordeste Semiárido:** Projeto Nova UECE. Fortaleza: UECE, 1993a. p. 33-50. (Documentos Universitários).
- _____. Carta-Resposta ao Exmo. Sr. Governador. Fortaleza, 5 mai. 1992. In: _____ et al. **Universidade Tecnológica para Nordeste Semiárido:** Projeto Nova UECE. Fortaleza: UECE, 1993b. p. 17-31. (Documentos Universitários).
- RISTOFF, D. I. **Perfil socioeconômico do estudante de graduação:** uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). Rio de Janeiro: Flacso/Brasil – Cadernos do GEA, n. 4, jul./dez. 2013. 33p.
- ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil.** 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 267p.
- SAMUEL, R. História local e História oral. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 308p.
- SILVA, K. **Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as.** 2011, 195f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFJF, Juiz de Fora, MG, 2011.
- TRIBUNA DO CEARÁ. **UECE – Centro de Tauá registra a menor taxa de evasão.** Fortaleza, 19 jun. 1997. Caderno A, p. 11.
- UECE. **Os Inhamuns no Desenvolvimento do Ceará** (Folder). Tauá, CE, 26 nov. 1993.

_____. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 743**, de 3 de maio de 1994. Aprova a criação e instalação do Centro de Educação, Ciências e Tecnologia – CECITEC – na região dos Inhamuns e dá outras providências. Fortaleza, 3 mai. 1994.

_____. Pré-Universitário da UECE em Tauá. **UECE Notícias**, Fortaleza, n. 8, out. 1994.

_____. **Projeto: Centro de Educação, Ciências e Tecnologia – Região dos Inhamuns – CECITEC**. Fortaleza, 1995. 51p.

_____. CECITEC. **Of. 068/95-GD**. Tauá, CE, 14 ago. 1995.

_____. CECITEC. **Relatório de atividades (junho – dezembro / 95)**. Tauá, CE, dez. 1995. 17p.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 239p.